



## TERRA MÃE

### ENTREVISTA RICARDO COUTO

Da sala de aula para o grande ecrã Passado em Boticas, Trás-os-Montes, o documentário «Terra Mãe» mostra-nos as vivências de uma família transmontana, tendo sido o vencedor do Prémio Sophia Estudante 2016, atribuído pela Academia Portuguesa de Cinema. A METROPOLIS entrevistou Ricardo Couto, o realizador de «Terra Mãe», uma obra que prova que o cinema português feito pelos novos cineastas está de boa saúde e recomenda-se. **TATIANA HENRIQUES**

**Licenciaste-te em Ciências da Comunicação e passaste depois para o Mestrado de Fotografia e Cinema Documental. O Cinema era uma escolha inevitável?**

Penso que foi uma escolha natural. Ciências da Comunicação é um excelente curso para desenvolver um interesse na exploração na comunicação. Poder trabalhar com recursos de imagem e som, ainda que ao serviço da produção jornalística, permite descobrir diferentes vias expressivas. E foi isso que, essencialmente, trouxe do curso. A inquietação. No fim da licenciatura era, então, tempo de escolher uma via mais criativa e artística que permitisse ir

além da linguagem jornalística. Necessitava de um caminho que respondesse à minha necessidade expressiva e o cinema apareceu como um meio adequado às minhas inquietações. Contudo, não vivo preso aos meios. Gosto da exploração de diferentes caminhos e penso que o meio tem de estar sempre ao serviço da nossa intenção criativa. Por exemplo, se amanhã tivesse uma ideia para um projeto que versasse só na palavra, apostaria nisso. A melhor forma de respeitar qualquer meio expressivo é utilizá-lo de acordo com a nossa honestidade criativa. Não olhá-lo como um meio garantido. Um artista tem de comprometer-se com a sua ideia, que corresponde à sua visão subjetiva do mundo. Essa é a sua matéria-prima. Depois, na altura de materializar: em objeto artístico, deve escolher o meio que



mais se adequa à expressão de tal ideia. Creio que o compromisso artístico é, sobretudo, com a ideia.

#### **Quais são os seus principais ídolos cinematográficos?**

Pelo pensamento metafísico sobre a capacidade criativa, especialmente do cinema, eu destacaria Andrei Tarkovski. O seu livro "Esculpir no Tempo" é um fabuloso tratado sobre a definição de uma postura criativa honesta. O que admiro no seu pensamento é a constatação que a mais-valia de qualquer discurso artístico é a sua unicidade. O grande trunfo de qualquer artista é possuir uma experiência única e inimitável de vida. E é esse compromisso com a sua própria visão, em todas as suas imperfeições e erros, que permite uma honestidade criativa. E, ao mesmo tempo, é um elogio de

humanidade porque nos devolve a importância da pluralidade. De que o que nos une é, de facto, a diferença.

Depois, revelaria outros três. Todos eles muito diferentes. Béla Tarr, Stanley Kubrick e Richard Linklater. Béla Tarr por uma aproximação poética absolutamente bela. Os seus filmes são, sempre, metafísicos. Uma cruzeta que está ao alcance, apenas, dos maiores poetas. Stanley Kubrick pela exploração da linguagem fílmica. Qualquer dos seus filmes é um tratado para apaixonados ou estudiosos da área. Mas mais interessante é a diversidade de toda a sua obra. Todos os filmes de Kubrick, mesmo que adaptados de outras obras, nos fazem crer que tal história só podia ser contada através do cinema. Desde a música até ao uso

da cor, tudo era precisamente composto ao serviço da sua visão para a narrativa. Duvido que existam muitos mais cineastas com uma obra tão coesa. Por fim, a escolha mais inusitada, Richard Linklater. Penso que é o mais cativante dos autores atuais. Tem, tal como os outros que mencionei, um interesse metafísico não só na própria linguagem metafórica como no sentido da humanidade em si. «Boyhood», mais do que o interessante facto do tempo de produção, é um marco na história do cinema pela forma como subverte a questão temporal. A ideia com que fico é que o filme se passa, na verdade, fora da tela. Tudo aquilo que não vimos e que mais não é que o tempo que vivemos. Além disso, é comum explorar, nos seus filmes, outros meios não tão habituais. Em «Waking Life», através de uma técnica de animação muito antropomorfizada e alicerçada na imagem real, abre uma porta incrível para a exploração da imaginação na eterna questão do sentido da vida.

#### **Como começou o projeto do documentário «Terra Mãe»?**

O projeto «Terra Mãe» foi realizado no âmbito de uma residência artística, em Boticas, no âmbito do mestrado em Comunicação Audiovisual, especialidade em Cinema Documental, da Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Instituto Politécnico do Porto. Devo destacar que eu assinei a realização e montagem do filme, mas o filme é um projeto de grupo. Os outros elementos são: Fábio Coelho (Direção de Fotografia), Sara Lemos (Câmara e Montagem) e Sara Marques (Som e Produção). Por se tratar de uma residência artística, o documentário tem algumas particularidades. Tivemos a oportunidade de



fazer várias visitas de pesquisa e *réperage*, o que permitiu uma aproximação às dinâmicas deste lugar em Trás-os-Montes. Depois, na fase de rodagem, estivemos durante uma semana a filmar com uma família. Vivemos uma semana em Boticas, o que, até pelo exercício de limitação temporal, conduz a uma intensa imersão em tal realidade. Exige um grande esforço de produção e preparação.

**Que principais dificuldades encontraste na prossecução da obra?**

É uma pergunta difícil porque, tendo em conta o contexto académico do filme, era suposto ter dificuldades e, acima de tudo, errar. O erro é o espaço da pedagogia. Importante era experimentar e explorar a expressão através do cinema pelo que todo o reconhecimento do projeto tem sido inesperado. As dificuldades não foram coisas

más. Foram situações normais tendo em conta o contexto académico e que se revelaram vitais na execução do filme. O facto de sermos um grupo de quatro pessoas, obviamente com visões díspares, levou a que encontrássemos várias dinâmicas e movimentos que nos interessavam individualmente. Contudo, o mais avidamente excitante foi encontrar o espaço de convergência. A progressão criativa, através da discussão entre as diferentes visões, foi muito recompensadora. Todos sentimos que o filme é coeso porque nós também o fomos. É difícil nomear tal como uma dificuldade porque é aí que reside a criação. Era suposto ter dificuldades e, acima de tudo, errar pois trata-se de um projeto académico. A própria limitação de tempo da residência artística, uma semana para gravações, pode ser considerada uma dificuldade

pois condiciona a aproximação em termos temáticos ou de produção mas, novamente, era suposto ser assim. Como projeto académico era construído em torno de um contexto que, visto de fora, pode parecer limitador. Mas não era. Era um espaço para nos testarmos e arriscarmos.

**O documentário é algo contemplativo e até introspetivo. Por que escolheste esta via?**

Tal aproximação nasce, logo, nas primeiras visitas de pesquisa. Todos encontramos um espaço rural com dinâmicas muito especiais. Havia muito movimento, especialmente entre a vila central e as aldeias mais isoladas nos montes. Todos identificamos vários desses movimentos e, posteriormente, com a discussão criativa, percebemos que essa noção de percurso nos interessava. Tanto

pela viagem individual como pelos espaços de convergência em que essas viagens desaguavam. Havia uma dinâmica muito assente na família, como núcleo fundamental, e na ligação à terra, como elemento de subsistência. Dai o nome terra mãe. Só a identificação de todo esta dinâmica revela uma postura contemplativa. Há, depois, um contraste óbvio com aquela que é a nossa experiência. É um ambiente completamente diferente daquele que vivemos em ambiente urbano mas isso não podia ser motivo de condescendência. Nós, um olhar exterior a tal realidade, não poderíamos interpretá-la à luz de uma soberberia ou de um elogio banal a uma pretensiosa pureza. O que nos interessou foi precisamente o forte carácter identitário do lugar, evidenciado por tais viagens pessoais ou lugares de interação. Nesse sentido, sentimos que devíamos olhar para a relação de tais

personagens com o tempo e com o lugar. É um olhar poético e reflexivo sobre essas relações e a formação de uma identidade. Achamos que esse lugar contemplativo nos permite um olhar interpretativo e interessado ao invés de um olhar pretensioso e falsamente ingénuo. Interessa-nos a particularidade do lugar e das pessoas.

**«Terra Mãe» venceu o Prémio Sophia Estudante. Como foi receber este galardão?**

Um motivo de orgulho para todos e, ao mesmo tempo, uma surpresa pois nunca esperámos que um filme realizado em ambiente académico pudesse ter todo este reconhecimento. Celebramos todas as conquistas, sejam prémios ou exhibições, com a convicção que queremos continuar o nosso percurso criativo. Tem sido recompensador ver o trabalho reconhecido e apreciado. Queremos continuar a levar o filme

a mais pessoas.

**Já tens planos para a próxima curta-metragem?**

À semelhança dos outros membros que fizeram parte do projeto, estou a desenvolver o exercício final do mestrado. O meu próximo filme versará na relação pessoal que mantenho com o 25 de abril de 1974, enfatizando a não vivência de tal evento pois nasci 20 anos depois dos acontecimentos. Pretendo explorar a possibilidade da memória ser afetiva e como podemos construir representações de eventos, apesar de não os vivermos pessoalmente. Como é que, perante o caótico espectro do Tempo, colocamos sempre a nossa própria experiência de tempo. Depois de concluir o projeto final do mestrado, daremos resposta à generosa oferta da Academia Portuguesa de Cinema que, no prémio, contemplou os apoios para a produção de uma próxima curta-metragem. Será um contributo para a nossa intenção de continuar um percurso criativo em conjunto.

